

A ARTE E A EDUCAÇÃO

Elís Santana Ferreira ¹
Dr. Hiago Trindade de Lira Silva ²

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise das condições e relações de trabalho de artistas plásticos paraibanos, com foco na inserção da arte na educação, tanto no contexto formal quanto informal. A pesquisa, desenvolvida no âmbito do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), baseia-se em entrevistas semiestruturadas com artistas e revisão bibliográfica, utilizando autores como Pierre Bourdieu, Paulo Freire e Ricardo Antunes para embasar a discussão sobre a reprodução social, a educação emancipadora e as transformações no mundo do trabalho. O estudo revela que os artistas enfrentam desafios como jornadas de trabalho intensas, rendimentos financeiros incertos e falta de infraestrutura, além de uma marginalização da arte no ambiente escolar, onde a disciplina é frequentemente desvalorizada e substituída. A pesquisa também destaca a importância da arte como ferramenta educativa, capaz de promover a criatividade e a reflexão crítica, mas aponta para a necessidade de uma melhoria na formação dos professores e um maior investimento em infraestrutura para o ensino artístico. Assim, pode-se concluir que, a valorização da arte na educação é essencial para o desenvolvimento cultural e a redução das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Arte, Educação, Formação docente, Trabalho artístico

INTRODUÇÃO

Este artigo vem como extensão do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) “Trabalhar e viver da arte”: condições e relações de trabalho de artistas plásticos paraibanos, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Com o objetivo de explorar como se processam as condições e relações de trabalho dos artistas plásticos paraibanos na realidade contemporânea, entre 2023 e 2024, através de entrevistas semi estruturadas com os artistas que se apresentaram no Centro Cultural do Banco do Nordeste (CCBNB) da cidade de Sousa, na Paraíba.

A partir dos dados recolhidos nessa segunda análise conseguimos ordenar os dados adquiridos em um artigo que discorre bem sobre os objetivos principais que submetemos no referido projeto. Até o presente dessa escrita, temos alguns resultados parciais de nossa investigação, como uma jornada de trabalho e intensa e incerta, retratadas por nossos entrevistados, rendimentos financeiros incertos, a dificuldade na infraestrutura para a realização de suas atividades e a apatia às organizações coletivas. Esses foram os pontos primordiais que marcaram os resultados parciais do nosso projeto, após esses, já foram apurados mais dados os quais ainda podemos correlacionar com

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, elisferreiracontato@gmail.com;

² Professor orientador: Professor doutor, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, hiago.trindade@professor.ufcg.edu.br

os resultados obtidos anteriormente, contudo, há outros em que conseguimos embarcar em uma nova vertente para a nossa pesquisa, como a importância do ensino da arte nas escolas.

A partir disso, tenho como principais objetivos nesse artigo analisar como a arte pode se inserir no meio escolar, destacando as falas obtidas durante a segunda fase de entrevistas do projeto e correlacionando com conhecimentos teóricos acerca da educação e da arte.

A forma metodológica foi seguida, mantendo igual à amostragem anterior, contudo foi-se reunidas as falas de 3 artistas que falaram sobre a relação entre a arte e a educação, a partir disso, seguiu com a realização de uma pesquisa documental, teórica, e com um grande auxílio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Em início, iremos abordar uma análise sobre como é repassada a imagem do artista. Para que então, venhamos a discutir o capital cultural a partir do autor Pierre Bourdieu, podendo influenciar, em sua decorrência escolar, na formação do entendimento à arte, sempre recorrendo as temáticas às falas dos artistas entrevistados. E por fim, como ocorre a inserção artística no ambiente escolar, levando em consideração o que é posto na BNCC.

METODOLOGIA

Os resultados apresentados advêm de uma pesquisa qualitativa, a qual foi realizada a partir da seleção de artistas plásticos paraibanos que se apresentaram no Centro Cultural do Banco do Nordeste (CCBNB), situado na cidade de Sousa – PB, no período do ano de 2023 até abril de 2024. Sendo assim, a partir da consulta ao histórico de programação do Centro Cultural já referido, realizamos uma esquematização dos dados de contato desses artistas, tendo em vista convidá-los para participar de uma entrevista com a finalidade de obter dados para subsidiar nossas análises. Contudo, encontramos empecilhos nesse trajeto, sobretudo relacionados à dificuldade de agenda de alguns artistas e ao fato de que outros artistas contactados não retornaram os convites feitos, causando um pequeno déficit em nosso cronograma.

Após efetuada a seleção desses artistas, construímos um roteiro de perguntas, o qual foi pensado para abranger todas as pautas necessárias para o bom desempenho da pesquisa.

Para a produção desse roteiro realizamos uma oficina, que abrangeu a participação de outros alunos do Centro de Desenvolvimento do Semiárido (CDSA). Nessa oficina, intitulada “A entrevista: do planejamento à execução”, foram realizados exercícios e contextualizações pelo professor orientador, Dr. Hiago Trindade, que auxiliaram para o bom desenvolvimento de um roteiro de perguntas para a efetivação da pesquisa. Com isso, conseguimos administrar os temas necessários em perguntas coerentes para o bom entendimento e a colaboração dos entrevistados, como mostra o quadro abaixo:

Sugestões de perguntas para o Roteiro

Informações de perfil:

Gênero

Idade

Região

Cor

Orientação

sexual

Escolaridade

Perguntas gerais:

- Você considera fazer arte uma forma de trabalho?
- Quando você decidiu trabalhar com arte?
- Exerce alguma outra atividade profissional além de ser artista? Se sim, como concilia as diferentes atividades?
- Você possui um espaço de trabalho (ateliê, estúdio, etc.)?
- Quantas horas por dia você costuma trabalhar com arte?
- Você tem ou já teve algum vínculo de trabalho formal com alguma instituição de arte (Universidade, Museu, etc.)?
- Você está vinculado a algum tipo de associação de artistas (sindicato, coletivo, etc.)?
- Você costuma expor e/ou vender seu trabalho de arte? Se sim, onde?
- Você encontra dificuldade de realizar seu trabalho de arte em sua cidade?
- Você teve ou tem algum tipo de apoio em sua jornada como artista (familiar, patrocinadores, políticas públicas, etc.)?
- Usa novas tecnologias em seu trabalho de arte (apps, plataformas digitais, redes sociais, etc.)?
- Como você pensa a construção da sua imagem pública como artista?
- Qual o principal desejo que te move como artista?
- Você gostaria de falar sobre algum outro tema que não tenha sido abordado nas perguntas?

A partir dessas sugestões, foi possível conduzir as entrevistas em forma de conversa, sempre pensando no bem estar do colaborador, introduzindo os temas aos poucos e de forma leve, escutando atentamente todos os detalhes.

Em seguida, realizou-se o pré-teste do roteiro, o qual foi feito para que pudessemos identificar alguma falha ou lacuna no questionário e em seguida corrigi-la para as próximas entrevistas. Terminado o pré-teste, observamos o bom funcionamento das perguntas. As entrevistas foram gravadas com um gravador de voz e, além disso, construímos anotações em caderno de campo. Em alguns momentos das falas, houve uma obstrução do som, dificultando a transcrição da mesma, que foi feita de forma manual. Saliente-se que as dificuldades não comprometeram o conteúdo entendido pela equipe como relevante para a seleção das falas.

Após transcritas, as entrevistas foram analisadas pela equipe de pesquisa. Tal análise ocorreu a partir da eleição de trechos significativos das entrevistas e da relação que esses trechos apresentavam com categorias teóricas importantes ao debate. Dito de outro modo, procuramos articular os conceitos, teorias e categorias estudadas com a realidade apresentada pelos artistas a partir do relato de suas vivências e experiências.

Em falas de alguns entrevistados, foi revelado novas e instigantes informações acerca da relação entre arte e trabalho. Ou seja, foram apurados novos dados, os quais, ainda que apresentem temas inéditos para o escopo da pesquisa, não se desvinculam dela, pois podemos correlacioná-los com os resultados obtidos anteriormente. nos referidos, mais especificamente, as possibilidades de pensar uma mediação entre o trabalho dos artistas e as ações de cunho educativo. Assim, nos propomos a embarcar em uma nova vertente para a nossa pesquisa, como a importância do ensino da arte nas escolas.

Resta salientar que, para preservar a identidade das pessoas que concordaram em participar da pesquisa, substituímos os nomes originais dos sujeitos. Como a pesquisa versa sobre condições e relações laborais dos artistas, elegemos como codinomes instrumentos de trabalho que são corriqueiramente utilizados por eles em suas práticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Moreira (2017) traz uma reflexão, a partir de Lukács, de que a arte não é apenas uma forma de expressão estética, mas um meio de refletir e abordar os dramas e dilemas humanos fundamentais:



[...] Esse trecho nos remete a algo de essencial acerca do que seja uma autêntica obra de arte para Lukács: o artista e consequentemente sua obra devem expressar as questões essenciais da vida. Para isso, a relação entre o artista e o mundo deve ser rica e fecunda, consubstanciando-se numa autêntica obra de arte. (MOREIRA, 2017 p. 70)

Para que isso ocorra, é preciso uma relação profunda e significativa do artista e o contexto que ele está inserido, para que a obra possa refletir questões essenciais da vida humana. Quando essa relação é autêntica e vibrante, o artista consegue traduzir, de sua maneira, suas observações e experiências, em uma obra que represente quem ele é e, que provoque uma reflexão e repercussão emocional no público. Portanto, a obra de arte, se torna um espelho da condição humana, permitindo que os indivíduos se conectem com suas próprias experiências e compreendam melhor o mundo ao seu redor.

Levando em conta essa reflexão, podemos averiguar algumas concepções que os professores têm sobre o que é arte, e como moldam suas abordagens de ensino, segundo Cunha (2019). Se um educador vê a arte como uma forma de expressão livre, suas práticas podem permitir mais liberdade criativa para as crianças. Por outro lado, se a arte é vista como algo que requer habilidades técnicas específicas, isso pode levar a um ensino mais rígido e prescritivo, o que pode causar a limitação dos estudantes sobre suas próprias capacidades artísticas.

[...]os discursos sobre arte como símbolo de distinção social, e os artistas, como seres de exceção, são produzidos sistematicamente por nossa cultura e aceitos nos contextos escolares - da educação infantil ao ensino universitário - sem que haja contestação ou um esforço analítico-crítico que provoque uma mudança significativa em termos de desmistificar a ideia de genialidade dos artistas (CUNHA, 2019 p.14)

Observamos, então, uma crítica sobre como a arte acaba sendo um símbolo de distinção social, e colocando os artistas como figuras excepcionais. E segundo a autora, esse discurso vem sendo sistematicamente produzido e aceito em contextos escolares, muitas vezes sem questionamentos ou análises críticas, a aceitação passiva dessas representações culturais nos sistemas educacionais contribui para a manutenção das estruturas de poder e privilégio, impedindo uma verdadeira democratização do acesso ao conhecimento e à cultura, perpetuando uma visão elitista e mitificada da arte, e dos artistas, podendo influenciar negativamente a educação artística

Evidenciando essas perspectivas, conseguimos fazer uma análise sobre o impacto das concepções de arte no ensino. Se a arte é vista como um produto de indivíduos “geniais”, excepcionais, ou como símbolo de distinção social, isso traz uma limitação da forma de como a arte é ensinada e percebida nas escolas. Os professores que,



influenciados por essas concepções, podem adotar abordagens pedagógicas que restringem a expressão artística dos estudantes, enfatizando mais a técnica e a habilidade, do que a criatividade e a autenticidade.

Para transformar esse quadro, seria necessário um esforço educacional que não apenas transmita conhecimentos artísticos, mas que também questione e desmistifique as narrativas que perpetuam as desigualdades sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Bourdieu (1982), a reprodução social ocorre em duas dimensões interligadas: a dimensão social, a qual determina a posição dos agentes na estrutura social, e a dimensão simbólica, que assegura a continuidade de sistemas simbólicos como a arte, religião, linguagem e ciência. Esses sistemas são ferramentas de comunicação e conhecimento que carregam representações da ordem social. Através da violência simbólica “uma forma de violência social no exato momento em que o enfraquecimento do modo de imposição mais ‘autoritária’” (BOURDIEU, 1982), que é internalizada e aceita pelos dominados, essas representações contribuem para a representação da ordem social. Em um texto anterior o autor também fala:

Na verdade, é por intermédio desse sistema de classificação que o sistema escolar estabelece a correspondência entre as propriedades sociais dos agentes e das posições escolares, elas próprias hierarquizadas segundo a ordem do ensino (primário, secundário e superior), o estabelecimento ou a seção (grandes écoles e faculdades, seções nobres e seções inferiores) e, para os mestres, segundo grau e a localização do estabelecimento (Paris, interior). (BOURDIEU; SAINT-MARTIN, 1975)

O sistema escolar, como um agente de reprodução social, não apenas transmite conhecimento, como também funciona como um mecanismo de reprodução das desigualdades sociais. Através de práticas educacionais e estilos de aprendizagem, o sistema escolar contribui para a reprodução das hierarquias sociais, reforçando a posição dos dominantes que exclui e marginaliza os dominados.

Bourdieu busca propor uma pedagogia racional para combater a reprodução dessas desigualdades sociais nas escolas. Para o autor, é necessário transformar as práticas educacionais de modo a reduzir a disparidade e promover a igualdade de oportunidades. O planejamento e a implementação de atividades educativas devem possibilitar que a



maioria, se não todos, os estudantes tenham acesso a todas as formas de cultura.
(BOURDIEU, 1966)

Em outro momento, Bourdieu (1980) aborda que as famílias de classes sociais mais abastadas têm mais recursos para investir na educação e no desenvolvimento cultural de seus filhos, enquanto as famílias de classes mais populares têm, em geral, menos acesso à esses recursos. Assim, podemos observar que as desigualdades, mais econômicas que culturais, como no Brasil, que para as classes trabalhadoras é importante os cursos técnicos, por exemplo, para que se tenha uma maior facilidade empregatícia, já nas classes mais abonadas, há o privilégio em que a educação é pensada de maneira mais humanística, envolvendo uma formação artístico-cultural. Influenciando significativamente o desempenho dos estudantes na escola.

Em nossa pesquisa, feita com os artistas plásticos paraibanos, podemos notar que o desenvolvimento cultural dos nossos entrevistados veio a partir da educação não formal, como também de iniciativas diversas, que não necessariamente veio do vínculo escolar. E Como consequência dessas desigualdades vistas a cima, os artistas entrevistados acabam por sugerir que a cultura e a arte estão sendo perdidas ou mal transmitidas, vamos a fala de Tesoura e Caneta:

[...] Eu acho que a gente se perdeu, os adolescentes e crianças do... dessa época agora se perdeu nesse movimento[tecnológico]. [...] Então, se a gente tá falando aqui de arte, de cultura, a gente tá falando de imaginação, a gente tá falando de conhecimento popular, que é o que tá se perdendo a cada dia aí [...](Tesoura)

Eu acho importante você colocar os professores para entender de arte, para poder passar e conhecer para frente [...]Não consegue passar o conhecimento, às vezes não consegue passar o conhecimento de algumas formas artísticas, por um próprio não conhecimento pela própria má formação acadêmica deles[...] (Caneta)

Em sua fala, Tesoura retrata as condições das artes e da cultura na educação e no desenvolvimento pessoal, em que sente a necessidade de resgatar e valorizar práticas artísticas e culturais que promovam a criatividade como traz Moreira (2017) quando nos mostra que a arte tem uma função de expor os dramas mais profundos dos seres humanos, em forma de arte, trazendo uma libertação para os indivíduos que o fazem, conectando-o aos seus sentimentos. Porém, como fazer isso se, segundo Caneta, alguns professores colocados para ensinar sobre arte não tem uma formação adequada para realizar o ensino da arte, e também existe a falta de investimento em uma formação artística e cultural robusta nas escolas especialmente para os alunos de classes menos favorecidas, contribui para que haja a perpetuação da desigualdade. Portanto, a fala de Tesoura sobre a perda da



cultura e imaginação entre os jovens conecta-se diretamente com o conceito de desigualdade cultural de Bourdieu. Caneta complementa esse argumento ao destacar a importância de os professores entenderem e transmitirem arte e cultura de maneira acessível e inclusiva, buscando reduzir essas desigualdades culturais através da educação. É claro, fazendo importância das instituições de ensino terem em seu corpo docente professores qualificados para o ensino de arte. É de importância que as escolas efetivem seus currículos à formações artísticas e que hajam profissionais que possam passar, de forma qualificada

Segundo a lei nº 5.692/71, a princípio, Educação Artística como disciplina, era apenas uma atividade educativa para os alunos da 1ª à 4ª série, em que abrangia as artes como música, artes visuais e teatro, reconhecendo a expressão artística na formação integral do aluno, ou seja, as escolas acabavam por decidir se aquela atividade era de importância para o aluno, e apenas na LDBEN nº 9.394/96 a arte foi considerada como área de conhecimento obrigatória, como mostra Iavelberg (2013)

Na atualidade, temos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a inserção do ensino de Arte desde a etapa da educação infantil até o ensino médio, tais etapas divididas em campos de experiência. Para a etapa da educação infantil, temos o campo de experiência “Traços, sons, cores e formas”, especificamente na faixa etária para crianças de 4 anos à 5 anos e 11 meses:

Traços, sons, cores e formas		
Campo de experiências	Faixas Etárias	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
Traços, sons, cores e formas	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)	(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
Traços, sons, cores e formas	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)	(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
Traços, sons, cores e formas	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)	(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

Base Nacional Comum Curricular, 2018



Nesse campo, podemos visualizar como é inserido, gradativamente, as diversas formas artísticas às crianças da faixa etária em questão, em que as mesmas podem desenvolver suas habilidades musicais, expressar-se através dessa forma de arte e aprender sobre sua cultura quando estão em ambientes onde a música é valorizada, apreciada e utilizada pelas pessoas ao seu redor, e que usando traços, pontos e formas em duas e três dimensões, as crianças podem expressar suas ideias, sentimentos e emoções de uma maneira que as motiva e engaja em suas explorações e descobertas sobre o mundo ao seu redor. Por meio dessas atividades e experimentações, elas se tornam mais habilidosas na utilização da linguagem musical como um meio de expressão e comunicação.

Dando continuidade aos anos letivos, no Ensino Fundamental I, que contempla as crianças do 1º ao 5º ano, analisamos as habilidades a serem cumpridas no documento vem a ser um conjunto abrangente de técnicas e atitudes necessárias para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos, promovendo a criatividade, a experimentação, a análise crítica e a valorização das diversas formas de expressão artística.

[...]A gente fazia arte, realmente. Tanto no fundamental 1, no 2, no ensino médio. Isso se perdeu ao longo do tempo. Nas nossas construções também, de sair e assistir uma quadrilha, de assistir um teatro, de participar, de pintar, de tentar ajudar as pessoas. [...] (Tesoura)

Tesoura vem com uma preocupação permanente, de que talvez se nós acabamos por não usufruir, não valorizar, a arte que temos por perto, as nossas crianças vão acabar por não ter esse hábito também. Como podemos observar a partir do que é tratado na BNCC, a habilidade de identificar e apreciar artes visuais envolve reconhecer, sentir prazer e se sensibilizar com diversas manifestações artísticas, construindo um repertório pessoal desde a Educação Infantil, onde a criança simboliza suas experiências, até o Ensino Fundamental, que amplia essa capacidade ao identificar e apreciar diferentes formas de expressão artística. Explorar e reconhecer elementos visuais, como ponto, linha, cor, forma, e espaço nas artes plásticas, audiovisuais, gráficas e tecnológicas, permite ao aluno perceber e manejar esses elementos, promovendo a compreensão da diversidade cultural brasileira. Experimentar implica investigar, testar, fazer e refazer, manipulando materiais, suportes, ferramentas e procedimentos artísticos de maneira sustentável, e refletindo sobre seu processo de criação e as escolhas dos colegas.

[...]Eu sinto essa dificuldade de ter um espaço, uma sala de aula para administrar. Tanto que eu fico em um canto, em outro, não tenho nada. Se tem



alguma coisa assim, meu horário, ele é deixado de lado para substituir por horários da escola. [...] (Aquarela)

Outra queixa que é apresentada é a falta de reconhecimento que Aquarela sente, como um professor de arte ele relata que para o corpo escolar, suas aulas não tem muita importância, podendo ser facilmente substituídas, levando à fala de Caneta:

[...]eu acho importante você colocar os professores para entender de arte, para poder passar e conhecer para frente. Eu acho que a grande deficiência hoje é o trabalho[...] (Caneta)

Aquarela, é um professor qualificado para aplicar o ensino das artes, mas ele acaba não obtendo sua devida consideração como professor, assim como qualquer outro a tem. Caneta traz uma proposta de intervenção para o problema que estamos discutindo ao longo desse texto, sugerindo que a deficiência na educação artística está ligada a falta de educadores adequados, como vimos anteriormente, e que o problema está mesmo é no desenvolvimento do trabalho como um professor de arte, como traz Aquarela. A falta de reconhecimento e marginalização de suas aulas, reflete uma percepção de que a arte é uma área de menor importância dentro da escola, existindo uma dificuldade em conseguir um espaço adequado, e a substituição dos seus horários acaba por mostrar como a arte acaba por ser rebaixada em relação as outras disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer de nossa pesquisa, vimos uma nova vertente de respostas dadas por alguns entrevistados, e essa vertente acabou aflorando o presente texto. E após toda a discussão feita acima, conseguimos concluí-lo com a análise de que, no que cerne à educação artística, observou-se que a arte é frequentemente relegada a uma posição secundária no sistema escolar. A marginalização das aulas de arte e a falta de reconhecimento dos professores, conforme relatado pelos artistas entrevistados, revelam uma desvalorização sistemática dessa disciplina no currículo. A crítica de Cunha (2019) sobre a visão elitista da arte sugere que ela é muitas vezes vista como um símbolo de distinção social, o que limita a inclusão e a democratização do ensino artístico. O estudo enfatiza a importância da arte na educação, desde a infância até o ensino médio, para o desenvolvimento criativo e cultural dos alunos. Entretanto, a falta de formação adequada para os professores e a insuficiência de investimentos em educação artística contribuem para a perpetuação das desigualdades culturais.



Para reverter essa situação e promover uma valorização real da arte nas escolas e na sociedade, faz-se de valor, implementar mudanças que incluam uma formação mais robusta para os educadores, um aumento significativo nos recursos e na infraestrutura, e uma revisão das práticas pedagógicas que limitam a expressão artística dos alunos. A educação artística deve ser reconhecida como uma ferramenta essencial para a formação integral dos estudantes, estimulando a criatividade, a reflexão crítica e a valorização da diversidade cultural. Com essas mudanças, será possível não apenas aprimorar a qualidade do ensino artístico, mas também contribuir para uma sociedade mais justa e culturalmente rica.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Revue française de sociologie**, p. 325–347, jul. 1966.

BOURDIEU, P. O capital social - notas provisórias. **Acres de la recherche en sciences sociales**, v. 31, p. 2–3, jan. 1980. MOREIRA, Luciano Accioly Lemos. **Estética e crítica literária - reflexões acerca do pensamento estético em Lukács e Marx**. 1. ed. SÃO PAULO: INSTITUTO LUKÁCS, 2017.

BOURDIEU, P.; SAINT-MARTIN, M. DE . As categorias do juízo professoral. **Acres de la recherche en sciences sociales**, v. 3, p. 68–93, mar. 1975.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) (1998). **Pierre Bourdieu. Escritos em Educação**. Petrópolis: Vozes.

VIEIRA DA CUNHA, S. R. Como vai a Arte na Educação Infantil? **Revista Apotheke**, v. 5, n. 3, 31 dez. 2019.

IABELBERG, R. O Ensino de Arte na Educação Brasileira. **Revista USP**, v. 100, p. 47–56, dez. 2013.



